

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: O Popular

Class.: Karajá 394

Data: 12/09/94

Pg.: \_\_\_\_\_



Julimar de Brito

*Índio mostra artesanato produzido na aldeia, que passará a ser comercializado no museu*

**Karajá ganha museu e escola para preservar sua cultura**

A beira da extinção cultural completa, a aldeia Karajá de Aruanã recebe agora uma injeção de ânimo que pode salvar a sua existência. Com o apoio da Secretaria Estadual de Educação, da Funai, da Prefeitura e da entidade internacional Companheiros da América, a Universidade Católica está implantando um projeto de preservação e estímulo à cultura nativa da aldeia.

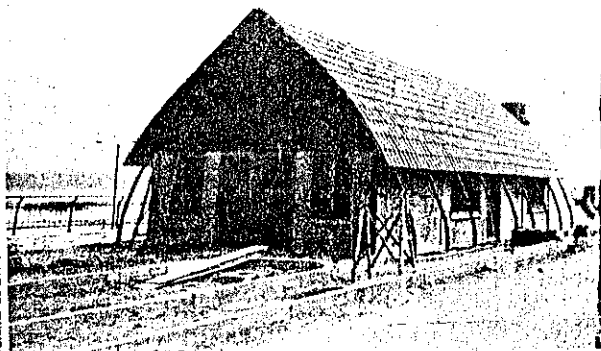
O projeto envolve várias ações, mas sua parte física já começa a despontar no cenário da aldeia. Trata-se da construção de dois prédios, cuja arquitetura lembra o modelo tradicional das casas Karajás. Nessas edificações funcionarão um museu para preservação e comercialização do artesanato da tribo e uma escola voltada exclusivamente para o ensino da linguagem e dos hábitos culturais dos Karajás.

Para o cacique da aldeia, Raul Hawacatl, o projeto será importante para a manutenção da cultura Karajá, além de representar um passo fundamental na integração do índio à cultura do homem branco. "Não podemos viver isolados", diz Raul, comentando que a sede para o comércio de artesanatos trará duas vias de benefícios: a integração indígena ao modelo comercial do branco e o respeito da cidade à produção da aldeia.

**EXTINÇÃO**

O projeto de resgate cultural acontece em uma boa hora, opina Raul. Ele conta que o contato direto com a cidade criou uma situação inédita para a tribo. As crianças não estavam mais aprendendo a Língua Karajá, preferindo se dedicar ao aprendizado da Língua Portuguesa, nas escolas públicas, para uma adaptação mais rápida ao cotidiano da cidade.

A preservação física da aldeia é outra preocupação do projeto. Atualmente, só restam 48 índios em



Julimar de Brito

*Escola onde os Karajás voltarão a aprender sua língua*

Aruaná - incluindo as crianças. Essa situação está ligada ao pequeno espaço que restou para a subsistência da tribo: 12 mil metros quadrados. Culturalmente voltados para a agricultura e a pesca, os Karajás sentem-se apertados em sua aldeia, sem espaço para o plantio do milho e da mandioca.

O antropólogo Mário Arruda, da UCG, comenta que a reintegração de 100 alqueires de terras, na margem oposta do Rio Araguaia (Mato Grosso), será um incentivo à permanência das crianças na aldeia e até o retorno dos que saíram há tempos. De acordo com o administrador da Funai em Goiás, Rui Cotrim Guimarães, a reintegração dessas terras só depende da aprovação do Ministério da Justiça. "A Funai já encaminhou o pedido, com um amplo estudo da questão, e agora aguardamos uma manifestação da Justiça", diz Cotrim.

**HISTÓRIA**

A preservação da cultura Karajá pode significar muito mais que uma

questão indígena. Para os estudiosos da UCG, que dão apoio técnico à reconstituição cultural, os Karajás são habitantes antigos do Planalto Central. "Através de testes com o carbono 14, obtivemos indícios de que a cerâmica feita pelos Karajás data de pelo menos do ano de 1212", diz Arruda.

Outro pesquisador, o antropólogo Manoel Pereira Lima Filho, está preparando o seu doutorado pela Universidade de Brasília, estudando a participação das populações ribeirinhas do Araguaia sob a perspectiva da formação do Estado. Ele comenta que fatos interessantes da história de Goiás ficaram relativamente esquecidos, como a passagem de Getúlio Vargas pela Ilha do Bananal e a criação da Fundação Brasil Central. Seu doutorado, que inclui intercâmbio com a Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, está sendo discutido com a comunidade Karajá. (Danin Júnior)